

Racismo, esporte e futebol nos periódicos da Educação Física brasileira: um estudo panorâmico-monográfico

Cristiano Mezzaroba¹

Beatriz de França Alves²

Daniel Machado da Conceição³

Resumo:

Trata-se de uma pesquisa de abordagem quanti-qualitativa, do tipo análise documental, caracterizada como um estudo panorâmico-monográfico, em que, a partir da identificação de artigos científicos sobre racismo e esporte/futebol em periódicos brasileiros de Educação Física (EF) (de estrato A1 a B5), procurou-se mapear a referida produção sobre a temática no campo da EF. Para isso, utilizou-se os descritores “racismo”, “esporte”, “futebol” e “Educação Física”, seja nos títulos e/ou resumos e/ou palavras-chaves, com delimitação temporal de 2004 até 2024, considerando-se o período posterior à Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino das questões históricas e culturais sobre a cultura afro-brasileira nas escolas brasileiras. Chegou-se ao total de 06 (seis) textos, os quais apresentam-se como um mapeamento que evidencia a pouca atenção dada às questões étnico-raciais no esporte/futebol no contexto da EF brasileira, embora cada dia fica mais evidente a necessidade, emergência e relevância quanto ao campo da EF em pautar essas questões e responsabilizar-se, pedagogicamente, quanto à pauta, diálogo, discussão e estratégias de enfrentamento, pelo esporte e práticas corporais diversas, no combate ao racismo.

Palavras-chave:

Racismo. Esporte. Periódicos de Educação Física.

Racism, sports and football in Brazilian Physical Education journals: a panoramic-monographic study

Abstract: This is a quantitative-qualitative research, of the documentary analysis type, characterized as a panoramic-monographic study, in which, based on the identification of scientific articles on racism and sports/football in Brazilian Physical Education (PE) journals (from stratum A1 to B5), we sought to map the aforementioned production on the subject in the field of PE. For this, the descriptors “racism”, “sports”, “football” and “Physical Education” were used, either in the titles and/or abstracts and/or

¹ Doutor em Educação (UFSC), professor da Universidade Federal de Sergipe e bolsista PDE/CNPq, Coordenador da Linha Mídias, Torcidas e Movimentos antirracistas no futebol (INCT/CNPq). E-mail: cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4214-0629>

² Licenciada em Educação Física (UFS), integrante do GEPESEF – Grupo de Estudos e Pesquisas Sociedade, Cultura e Educação Física. E-mail: beatriz.franca090@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7963-385X>

³ Doutor em Educação (UFSC), coordenador Educativo Instituto Abre (Maringá/PR); Prof. de História na Rede Municipal Florianópolis/SC. E-mail: danielmdac1@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6065-6656>

keywords, with a temporal delimitation from 2004 to 2024, considering the period after Law 10.639/2003, which made the teaching of historical and cultural issues about Afro-Brazilian culture mandatory in Brazilian schools. A total of 06 (six) texts were collected, which are presented as a mapping that highlights the little attention given to ethnic-racial issues in sports/soccer in the context of Brazilian PE, although the need, emergency and relevance of the field of PE to address these issues and to take responsibility, pedagogically, for the agenda, dialogue, discussion and coping strategies, through sports and diverse body practices, in the fight against racism, becomes increasingly evident.

Keywords: Racism. Sports. Physical Education Journals.

Racismo, deporte y fútbol en las revistas brasileñas de Educación Física: un estudio panorámico-monográfico

Resumen: Se trata de un estudio de investigación cuantitativo-cualitativo, del tipo análisis documental, caracterizado como estudio panorámico-monográfico, en el cual, a partir de la identificación de artículos científicos sobre racismo y deporte/fútbol en revistas brasileñas de Educación Física (EF) (estrato A1 a B5), se intentó mapear esa producción sobre el tema en el campo de la EF. Para ello, se utilizaron los descriptores ‘racismo’, ‘deporte’, ‘fútbol’ y ‘Educación Física’, ya sea en los títulos y/o resúmenes y/o palabras clave, con delimitación temporal de 2004 a 2024, considerando el período posterior a la Ley 10.639/2003, que estableció la obligatoriedad de la enseñanza de cuestiones históricas y culturales sobre la cultura afrobrasileña en las escuelas brasileñas. En total, se encontraron 06 (seis) textos, que se presentan como un mapeo que muestra la poca atención prestada a las cuestiones étnico-raciales en el deporte/fútbol en el contexto de la EF brasileña, aunque cada día se hace más evidente la necesidad, la emergencia y la relevancia para el campo de la EF abordar estas cuestiones y asumir la responsabilidad pedagógica de la agenda, el diálogo, la discusión y las acciones, a través del deporte y diversas prácticas corporales, en la lucha contra el racismo.

Palabras clave: Racismo. Deportes. Revistas de Educación Física.

1 Considerações iniciais e problemática do estudo

Participando dos jogos de linguagens do nosso senso comum, a palavra “racismo” aparece como algo constante nos cotidianos da sociedade brasileira. Aparece em conversas, em diversas mídias, sejam elas jornais, filmes, séries e espetáculos, evidenciada também no contexto das manifestações esportivas, como nas coberturas e transmissões ao vivo, por exemplo. O racismo se apresenta em nossa sociedade como algo rotineiro, entretanto, esconde-se em sutilezas e em justificativas das mais variadas quando desmascarado, por isso, é chamado de ordinário (DA CONCEIÇÃO, 2023) ou cotidiano (KILOMBA, 2019). Trata-se de uma forma discriminatória, a partir da naturalização de elementos biológicos, que hierarquizam e classificam os seres humanos, operando relações de poder e de dominação (GALAK, 2014; GOELLNER *et al*, 2009). Partindo deste ponto, buscaremos neste artigo identificar como o racismo vem sendo tratado em periódicos da Educação Física (EF) brasileira. Assim, nosso objetivo é operar um mapeamento sobre a temática em determinado período temporal ao proporcionar uma análise da produção sobre racismo no esporte/futebol, descrevendo as discussões e os debates realizados.

É recorrente e vem aparecendo com bastante regularidade nos mais diversos veículos midiáticos os casos de racismo no Brasil (e também no mundo). São situações discriminatórias que ocorrem nos mais diversos espaços institucionais e sociais.

Quando focamos nosso olhar ao universo do campo esportivo, o racismo também é um fenômeno que se evidencia, nas mais variadas modalidades. É o caso, por exemplo, do piloto inglês Lewis Hamilton, sete vezes campeão mundial, que em matéria publicada no Portal ESPN⁴, revela que desde criança, em sua escola, sofria com racismo, e mesmo famoso, milionário, heptacampeão mundial, sofre racismo de ex-atletas, como do ex-piloto brasileiro Nelson Piquet, denunciado pelo Ministério Público do Distrito Federal por ter se referido a Hamilton com o termo racista “neguinho” no final de 2021, segundo o Portal GE⁵.

São vários os casos nas mais diversas modalidades e em todos os lugares do mundo. Temos o caso da tenista japonesa Naomi Osaka, da tenista norte-americana Serena Williams, da ginasta Simone Biles, entre outros. Vários e corriqueiros casos que envolvem atletas de futebol estão sendo mapeados continuamente pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol, revelando que, de 2014 a 2019, houve um aumento de 235% nos casos de preconceito envolvendo jogadores de futebol no Brasil.

No exterior, os casos são históricos com grande repercussão e também se tornam rotineiros, como os casos envolvendo jogadores como Roberto Carlos (2011), quando um torcedor lhe mostrou bananas; Marcelo (2014), chamado de “macaco”; os casos ocorridos com Tyson, Kalidou Koulibaly, Mario Balotelli, Moussa Marega, Raheem Sterling, Hudson-Odoi e Danny Rose; também são exemplos evidenciados nos últimos anos. Na atualidade, quem recebe maior notoriedade em razão da sequência dos ataques e do seu posicionamento de enfrentamento ao racismo, é o brasileiro Vinícius Júnior. Esse último parece ter sido o “eleito da vez” em função de suas comemorações com “dancinhas” serem associadas ao termo racista que se refere a estar “fazendo macaquices”. Contra o referido atleta, o racismo é justificado em razão de as suas comemorações em forma de dança, supostamente, serem símbolo de desrespeito aos atletas e à torcida adversária. Em fevereiro de 2023, um torcedor do clube Mallorca (Espanha) recebeu punição. Por ato de racismo contra o jogador brasileiro, a Comissão Estatal contra Violência, Racismo, Xenofobia e Intolerância no Esporte da Espanha sentenciou a multa de R\$ 22 mil e mais um ano de sanção, além da proibição de acessar o estádio do clube.

Essa contextualização da presença do racismo nos mais diversos setores da sociedade e, como não poderia deixar de ser, também no campo esportivo, aproxima-nos, então, do campo da Educação Física (EF), o qual se configura como área do conhecimento que lida com o contexto do esporte, seja em espaços escolares/formativos, seja em instituições educacionais (não escolares) e mesmo com formação esportiva (inclusive de alto rendimento). Torna-se importante investigar como vem sendo problematizada, investigada e analisada a produção de novos aprendizados sobre as relações que envolvem racismo, esporte (futebol de maneira particular) e EF.

Portanto, é necessário investigar tais relações em periódicos brasileiros de EF, a partir de um recorte temporal, identificando artigos científicos que discutam o racismo no futebol

⁴ ESPN. Lenda da Fórmula 1, Lewis Hamilton revela trauma por episódios de racismo na escola: ‘Jogavam bananas’. Disponível em: https://www.espn.com.br/f1/artigo/_id/11523108/lenda-formula-1-lewis-hamilton-trauma-episodios-racismo-escola-jogavam-bananas. Acesso em: 30 out. 2024.

⁵ GE. F1 e FIA condenam termo racista usado por Piquet sobre Hamilton. Disponível em: <https://ge.globo.com/motor/formula-1/noticia/2022/06/28/f1-e-fia-condenam-termo-racista-usado-por-piquet-sobre-hamilton.ghtml>. Acesso em: 30 out. 2024.

brasileiro. Entendemos que realizar esse levantamento e mapeamento da produção do conhecimento sobre o referido tema permite dar visibilidade e promover maior discussão a respeito de questões que cada vez mais estão emergentes em nossa sociedade. A pesquisa em tela foi uma oportunidade para conhecer conceitos e identificar os agentes sociais que estão se debruçando sobre a temática, além de apontar possíveis grupos de pesquisas espalhados pelo país que estão dedicando atenção ao fenômeno, suas perspectivas epistemológicas e de intervenções etc.

Nesse sentido, o interesse desta pesquisa se pauta em saber como ou o que se fala sobre o racismo no esporte/futebol brasileiro a partir dos periódicos da EF. Com a criação da Lei 10.639/2003⁶, referendada na Lei 11.645/2008⁷, reconhecida como educação das relações étnico-raciais (ERER), as discussões sobre valorização da cultura afro-brasileira e indígena devem ser incluídas no conteúdo curricular do componente EF. Portanto, o futebol, modalidade de grande mobilização e repercussão nacional, está servindo para debate e intervenção sobre a referida temática? Em caso positivo, quais temas são mais recorrentes e qual abordagem é utilizada? Com essa inquietação, dedicamos esforço na identificação dos artigos nos quais o tema racismo e futebol são evidenciados. Na sequência, foram analisados o resumo e realizada a leitura dos textos selecionados, assim, foram os dados coletados, tabulados e classificados.

A pesquisa justifica-se pela relevância acadêmico-científica e social, assim como sua contribuição para a sociedade, que clama por ações que garantam uma vida pautada na preservação das diferenças diante das condições de igualdade que as leis definem, além disso, a pesquisa se justifica pela necessidade de identificar, conhecer, reconhecer e pautar discussões amplas que confrontem atitudes racistas nos mais variados espaços sociais e institucionais, buscando elementos que contribuam para uma educação antirracista a partir da mediação pedagógica da EF.

Nesse contexto, o presente artigo teve como objetivo geral mapear a produção acadêmica da EF brasileira sobre racismo, esporte e futebol (particularmente) no seu conjunto de revistas acadêmico-científicas, considerando-se o período temporal de 2004 a 2024. A justificativa para essa escolha foi identificar, a partir da criação da Lei 10.639/2003 (lei brasileira que tornou obrigatória a tematização da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo oficial das redes de ensino), o seu impacto na produção acadêmica sobre a temática do racismo no esporte (de modo geral) e no futebol (de modo específico).

O artigo está dividido em cinco seções: primeiro uma introdução; na sequência, a discussão sobre os aspectos metodológicos que configuram a investigação. No terceiro ponto, apresentamos os aportes teórico-conceituais sobre raça e racismo, para melhor compreendermos a discussão no esporte e na EF. Na quarta parte, analisamos os dados produzidos oriundos das revistas de EF brasileiras que nos permitiram operar o mapeamento das produções, e, por fim, nas conclusões, sintetizamos o resultado do estudo.

⁶ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 30 out. 2024.

⁷ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm. Acesso em: 30 out. 2024.

2 Aspectos metodológicos da pesquisa

O presente trabalho caracteriza-se como um estudo de caráter descritivo-exploratório (TRIVIÑOS, 1995), do tipo levantamento de dados quali-quantitativos, sendo uma pesquisa documental, que, segundo Gil (1996, p. 51), “[...] vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa.”

Como fonte de dados tivemos um conjunto de periódicos científicos da EF brasileira, que, segundo o estrato de qualificação *Qualis* da CAPES, estão compreendidas entre A1 (alto prestígio científico) e C (sem classificação). Estima-se haver, no Brasil, em torno de 25 periódicos dedicados à área da EF, ou seja, que se restringem a aspectos específicos da EF e não envolvem, por exemplo, medicina do esporte ou aspectos biomédicos especializados, apesar de identificarmos, via Plataforma Sucupira da CAPES, no quadriênio 2017 a 2020, que existe uma lista com mais de 2300 periódicos qualificados nos estratos de A1 a C na área de EF. Diante dos descritores e do período temporal informado, foram encontrados textos nas seguintes revistas: Revista Movimento/UFRGS; Pensar a Prática/UFG; Revista Praxia/UEG e na Revista Motrivivência/UFSC, com uma amostra de 06 (seis) textos.

Para a busca de dados, feita na página das próprias revistas, utilizamos como termos descritores “racismo”, “esporte” e “futebol”, tanto nos títulos e/ou resumos e/ou palavras-chave. Os descritores também foram combinados pelos operadores lógicos AND (uma expressão é verdadeira se todas as condições forem verdadeiras) e OR (uma expressão é verdadeira se pelo menos uma condição for verdadeira). A ideia foi filtrar e identificar a produção sobre a temática, justamente para observar como as questões que envolvem racismo e esporte/futebol são produzidas e veiculadas no contexto da EF brasileira.

A busca foi feita nos periódicos da EF em dois momentos, para fins de confiabilidade: a primeira nos dias 2, 3 e 4 de julho de 2024, e o segundo momento no dia 12 de setembro de 2024, com o interesse de validar os dados encontrados na primeira busca em julho. Os resultados se repetiram, confirmando sua precisão em relação aos parâmetros utilizados. É importante ressaltar que os mesmos descritores foram aplicados na Revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (RBCE) e no Cadernos de Formação RBCE, porém em ambas não foram encontrados qualquer resultado.

Os textos que resultaram dessa pesquisa foram analisados a partir do título, resumo e posterior leitura de seu conteúdo. Todos que atenderam ao critério que inclui a temática racismo e futebol foram identificados, organizados pela data de sua publicação e classificados por sua temática ou abordagem conceitual. Na sequência, identificamos os principais agentes (professores e/ou pesquisadores) que dedicaram atenção a esse tipo de produção do conhecimento, considerando o critério de recorrência das menções nos textos selecionados.

Dessa forma, organizamos os dados encontrados em um quadro (Quadro 1) contendo título, autores, ano e revista, os quais nos dão subsídios para análise e apresentação dos dados; e outro quadro (Quadro 2) apresenta os agentes da EF brasileira identificados como autores(as) de textos sobre a temática envolvendo racismo e esporte/futebol. Os agentes são professores e/ou pesquisadores que atuam no campo, com base no critério de recorrência de menções a esses nomes nos textos identificados e analisados, o que possibilitou assim mapear sua relevância.

3 Breves considerações teórico-conceituais sobre raça e racismo

A discussão sobre raça e racismo compreende conhecer também o contexto histórico relacionado à eugenia, termo criado pelo europeu Francis Galton em 1883, cujo objetivo, segundo Góis Junior (2014, p. 293), “[...] era estudar a influência da herança genética nas qualidades físicas e mentais dos indivíduos”. A eugenia propõe promover aquilo que o ser humano teria de genes “bons”, o que seria culturalmente desejável (GALAK, 2014, p. 559).

Esse conceito biológico de raça também se amparou na religião, que oportunamente disseminou o discurso do sangue real, digno e puro, frente a outros grupos populacionais que possuiriam um sangue indigno, impuro e pecaminoso. Portanto, além de uma herança genética, a herança divina ou sua ausência classificava os indivíduos entre bons e maus. As ciências humanas, com base na teoria evolucionista, classificaram os povos no que ficou conhecido como “evolucionismo social”, indicando graduações ou níveis de desenvolvimento. Os povos foram separados/classificados entre civilizados, bárbaros e selvagens. Esses últimos foram identificados como povos indígenas e africanos. O que justificava atribuições depreciativas com base na suposta degenerescência biológica, espiritual e social.

Para Góis Junior (2014), é preciso considerar algumas diferenças da eugenia ocorrida na Europa daquela que aconteceu na América Latina, em especial, no Brasil, devido a algumas heterogeneidades de práticas e teorias: “[...] Em outras palavras, ao mesmo tempo em que negava teses europeias sobre raça como as de Arthur de Gobineau (1816-1882), conservava uma tendência para o embranquecimento da raça por meio da mestiçagem” (GÓIS JUNIOR, 2014, p. 294).

Ainda de acordo com Góis Junior (2014), foi o médico baiano Afrânio Peixoto (1876-1947) quem defendia tais teorias de embranquecimento da raça no Brasil:

[...] Ele julgava o embranquecimento um fato positivo para o Brasil, mesmo sendo proveniente das misturas de raças, o que era condenado pelos eugenistas americanos. [...] O debate racional da eugenia, porém, não se restringia somente à questão da etnia, envolvia outras questões, como constituição física, força individual e coletiva de uma nação. (GÓIS JUNIOR, 2014, p. 294)

Em sua definição sobre “raça”, Galak (2014, p. 558, grifos do autor) afirma que “[...] as raças *não existem*, pelo menos no que se refere aos humanos”, sendo que o que existe é a “[...] conceptualização e discursos sobre elas, com um poder simbólico que *materializa* historicamente seu uso.” (GALAK, 2014, p. 558, grifos do autor).

Para o referido autor, o que existe é o racismo:

[...] o qual implica a (di)visão do social em grupos, gerando marcas identitárias que operam, por discriminação ou reivindicação de minorias. Assim, os discursos racistas fazem dos sujeitos um produto da biologia de seu corpo, a ‘raça’ serve para denominar *o outro* e reafirmar *o próprio* – se é que tal fator se aplica. (GALAK, 2014, p. 558)

Ao definir raça, portanto, na sua definição não escapam dois sentidos históricos: “[...] a naturalização de seu objeto e a colocação em jogo de uma diacronia que torna presente um passado.” (GALAK, 2014, p. 558). Ainda de acordo com Galak (2014, p. 559): “[...] o conceito de raça sugere a ideia de um ente que irradia de maneira transgeracional condições (genéticas ou culturais) que se reproduzem.”

Na tentativa de compreender como se constroem os discursos quanto ao racismo, Galak (2014, p. 559) expõe três passos para a definição das raças: o primeiro seria discriminá-las, distinguindo uma a uma; o segundo passo refere-se ao estabelecimento de hierarquias biológicas, sociais ou étnicas; o terceiro e último é a naturalização deste processo, “conceber as raças como produtos naturais” (GALAK, 2014, p. 559).

É interessante perceber como a história do mundo é repleta de exemplos de “naturalizações” racistas: desde os navios negreiros da África para o Brasil, as teorias que associam raça a tipos criminais de Cesare Lombroso⁸ (1835-1909); a segregação racial legalizada pela Lei Jim Crow nos Estados Unidos da América; e o *apartheid* na África do Sul⁹. Os exemplos explicitados se configuram em relação ao racismo direcionado aos descendentes dos povos escravizados na África, mas, poderíamos ampliar para povos originários, asiáticos etc. A xenofobia percebida no contemporâneo, ações discriminatórias e preconceituosas contra o “estrangeiro”, ato reconhecido no país como criminoso, está carregada de ideologia e valores raciais.

Goellner *et al* (2009) produziram um glossário sintético que ajuda a compreender termos e expressões que atualmente constituem nosso vocabulário, como, por exemplo: democracia racial, diversidade, embranquecimento, equidade de gênero e raça, etnia, gênero, identidade, identidade étnico-racial, inclusão, raça, racismo, entre outras. Raça, por exemplo, é considerado um conceito que não se sustenta do ponto de vista biológico, configurando-se como uma “[...] construção discursiva histórica cujo uso evidencia relações de força e de dominação que existem dentro de uma sociedade” (GOELLNER *et al*, 2009, p. 14). Utilizado geralmente como sinônimo de raça, temos o termo etnia, a qual “[...] sustenta conotação mais cultural (tradições, ritos, práticas etc.). O agrupamento étnico revela certas semelhanças culturais, normalmente associadas a aspectos sócio-históricos.” (GOELLNER *et al*, 2009, p. 11). Racismo, por sua vez, é um “[...] termo utilizado para a discriminação, produzida pelo grupo que detém mais poder, que considera como inferiores as pessoas e os grupos humanos com características físicas diferentes daquelas do grupo discriminador.” (GOELLNER *et al*, 2009, p. 14).

Apesar de constituírem uma grande parcela da população brasileira, é comum visualizarmos nos espaços midiáticos uma presença maior de pessoas consideradas brancas; além disso, historicamente a população negra e indígena foi a que menos teve acesso aos serviços de educação, saúde, esporte e lazer (GOELLNER *et al*, 2009), sem contar a recorrência às expressões de cunho ofensivo, racista e de menosprezo, que aparecem em forma de piadas, brincadeiras etc. Portanto, o racismo é uma ideologia supracista, que indica ou prega a superioridade de um grupo populacional (racial) sobre outro considerado inferiorizado.

Quando nos detemos ao campo da EF, de acordo com Galak (2014), é possível observar que a EF passou a ser instrumento de aperfeiçoamento da raça, como:

[...] veículo da política estatal na luta contra o hibridismo moral, sendo suas principais armas o acionar nas escolas, para massificar o disciplinamento, a retórica que envolve as práticas desportivas para transmitir valores morais

⁸ Médico italiano de família judaica, expoente da Escola Positiva de Direito Penal, cuja produção creditou ao caráter hereditário e primitivo a relação com a delinquência e marginalidade.

⁹ Regime político sustentado por um partido de extrema-direita que durou de 1948 a 1994 e que se baseava numa legislação segregacionista, garantindo privilégios a uma minoria branca e abusos a uma maioria negra, tendo Nelson Mandela como o grande personagem opositor ao governo.

universais e as ginásticas para difundir discursos sobre a saúde. (GALAK, 2014, p. 561)

Votre *et al* (2009) consideram que no Brasil parece difícil flagrar o racismo no dia a dia – é mais fácil encontrarmos manifestações de injúria, ofensa e discriminação, segundo os autores/as – apesar de que, sabemos, “[...] somos um povo que discrimina os negros, o que é fácilimo provar, mas com pouquíssimas manifestações de racismo, no sentido de que as pessoas podem integrar-se como o desejarem, sem restrições raciais.” (VOTRE *et al*, 2009, p. 15).

Em parte, essa constatação se justifica em razão da injúria racial e do racismo na legislação brasileira estarem em patamares distintos até bem pouco tempo, a primeira estava restrita ao ato contra um indivíduo e o crime de racismo à coletividade negra. Essa simples noção de indivíduo ou coletivo, permitiu equívocos no momento do registro da denúncia e garantiram subterfúgios durante investigações e julgamentos que acabaram por amenizar a pena de criminosos raciais. A equiparação da injúria racial com o racismo, Lei nº 14.523/2023, garante que os erros no recente passado não voltem a ser cometidos (DA CONCEIÇÃO, 2023). O que deve permitir superar em breve essa fragilidade em identificar com propriedade atos e ações reconhecidamente considerados crime de racismo.

Apoiados em Moscovici e sua obra “Preconceito e representações sociais” (2009), Votre *et al* (2009, p. 16) afirmam que: “O preconceito se consolida via linguagem, na interação do dia-a-dia, pela convivência com mitos, narrativas, anedotas, apelidos e frases-feitas, que circulam na dinâmica cultural, contribuindo para a separação e atrapalhando projetos de integração”.

A obra de Votre *et al* (2009) expõe que é preciso considerar o contexto histórico da formação brasileira, em que o grupo étnico-racial branco define-se como superior (cognitiva, moral e espiritualmente), o que legitimou a escravidão (por considerar os negros como “primitivos”, “rebeldes”, “incapazes” de se adaptar às normas) e ainda hoje apresenta nuances de classificações hierárquicas na sociedade brasileira.

Ainda segundo esses mesmos autores:

A linguagem ancora e sustenta a discriminação racial, ao permitir que se construam representações sociais racistas como se fossem verdades indiscutíveis. As crianças aprendem a ser racistas na interação cotidiana, com seus pais e com seus pares, na escola e, mesmo, no convívio com os grupos multiétnicos. Na conversação espontânea, costuram-se as ideologias racistas, que se revestem de falas engraçadas, hilárias, que fazem rir. O riso público, que se segue a uma anedota ou trocadilhos racistas, fortalece a discriminação, sem dizer seu nome. Podemos dizer que o mesmo ocorre nos livros escolares, na literatura, no cinema, nos artigos de jornal, nos programas de TV e na área das ciências humanas. (VOTRE *et al*, 2009, p. 46).

Em relação ao universo dos esportes e do futebol, as questões étnico-raciais e o racismo podem ser observadas e analisadas à luz das Humanidades/Estudos socioculturais dos esportes, entendendo como um objeto de estudo que contém uma multivocalidade (DAMATTA, 1994). Isso é pensado, principalmente, quanto ao futebol e seu significado cultural no Brasil, apreciando o fenômeno no sistema social brasileiro com sua singularidade, e, com isso, mobilizando identidades e revelando valores culturais.

Goellner *et al* (2009) comentam quanto à observação de que em projetos sociais que se utilizam do esporte, ocorrem muitas situações de rejeições e exclusões, advindas “de preconceitos de diferentes ordens”, geralmente “[...] a partir de dois marcadores identitários: gênero e raça/etnia” (GOELLNER *et al*, 2009, p. 5). Evidenciando-se uma das variáveis que levam à exclusão, desinteresse e abandono dos projetos pelas pessoas que visualizam neles uma possibilidade de aprender alguma prática corporal como o esporte, por exemplo.

As referidas(os) autoras(es) sugerem, com isso, uma formação que proporcione aprender, tematizar, problematizar e atuar considerando-se as questões que envolvem racismo e estereótipos de gênero para aqueles que atuam com esporte e práticas corporais.

4 Mapeamento da produção sobre racismo, esporte/futebol em periódicos da EF brasileira

Os resultados da pesquisa são apresentados no Quadro 1, listados a partir dos títulos dos trabalhos, autores(as) e suas instituições, bem como, o seu ano de publicação. Embora com a restrição temporal de duas décadas, os dados permitem-nos observar o mapeamento da produção sobre racismo, esporte e futebol em periódicos da EF brasileira.

Quadro 1: Textos envolvendo racismo, esporte e futebol em revistas de EF brasileiras

TÍTULO DO TRABALHO	AUTORIA	PERIÓDICO/ANO
Injúria racial e futebol: Uma análise das coberturas jornalísticas dos casos Marinho e Celsinho	Paulo César Romualdo da Costa, Anan Camargo Silva (UFRJ)	Revista Praxia 2024
A cultura Afro-brasileira e a Educação Física: Um retrato da produção do conhecimento	Isabela Talita Gonçalves de Lima, Lívia Tenorio Brasileiro (UFPE)	Revista Movimento 2020
A institucionalização do racismo contra negros(as) e as injúrias raciais no esporte profissional: o contexto internacional	Lennon Giulio Santos de Farias, Léo Barbosa Nepomuceno, Luiz Neto, Eduardo Vinícius Mota e Silva (UFC)	Revista Movimento 2020
A produção da Educação Física brasileira sobre <i>fair play</i> e racismo no esporte: estado da arte de teses e dissertações	João Vitor Busquim Braga, Kevin Keiti Oshima, André Dalben (UEL)	Revista Motrivivência 2019
O caso Tinga: analisando (mais) um episódio de racismo no futebol sul-americano	Riqueldi Straub Lise, Maria Thereza Oliveira Souza, Larissa Jensen, André Mendes Capraro (UFPR)	Revista Pensar a Prática 2015
Racismo e a derrota que não foi esquecida: Uma análise dos discursos de Mário Filho na obra “O negro no futebol brasileiro” e da imprensa escrita acerca da final da Copa do Mundo de 1950	Natasha Santos, André Mendes Capraro, Riqueldi Straub Lise (UFPR)	Revista Movimento 2010

Fonte: Elaborado pelos autores (2024)

O critério de exclusão em relação à busca de textos foi a retirada de materiais que não faziam menções aos termos “racismo”, “esporte” e “futebol”, talvez por isso, um número baixo de textos envolvendo a temática compõem nossa amostra, portanto, 06 (seis) textos. De maneira geral, a partir do Quadro 1, é possível observar um pequeno volume de produção na área da EF que tem se dedicado a debater as questões étnico-raciais a partir do esporte/futebol; com produção bastante dispersa ao longo dos últimos 20 anos, evidenciando-se ser uma temática emergente/nova e que ainda não tem muito espaço de discussão no interior do campo da EF.

Essa constatação surpreende em razão do esporte mais popular no Brasil não ser ou estar sendo utilizado na EF para promoção do debate étnico-racial. Textos sobre o racismo são muitos e com diversas abordagens. No entanto, ao restringir aos termos de pesquisa racismo, esporte e futebol, a constatação do baixo volume de produções indica a urgência de tratar o futebol como possibilidade para o letramento racial e o antirracismo.

Dentre o conjunto dos seis artigos encontrados, encontramos textos que se configuram metodologicamente como revisão de literatura, estudo de caso, ensaio e estudo bibliográfico/documental. Dentre esses artigos, apenas dois autores aparecem com mais de uma produção: Riqueldi Straub Lise e André Mendes Capraro, ambos da UFPR. Ao todo, são

16 autores(as), constando 6 (seis) mulheres e 10 (dez) homens, como será possível ver a partir do Quadro 2. Diante disso, podemos perceber uma disparidade significativa quanto à representatividade envolvendo sexo/gênero das autorias, mas não caracteriza uma ausência feminina. E conforme Beirith *et al* (2024):

Da mesma forma que o preconceito racial, a desigualdade de gênero é uma das cicatrizes na história do futebol brasileiro, que carrega consigo a ausência de um espaço democrático, justo e igualitário para as mulheres, seja dentro de campo, nas torcidas, nos cargos de gestão e na comunidade acadêmica (BEIRITH *et al*, 2024, p. 264).

De acordo com Beirith *et al* (2024), podemos perceber que a temática futebol e racismo não é muito explorada nas duas primeiras décadas do século XXI. Entretanto, ocorreu um aumento significativo a partir do ano de 2020, e o Quadro 1 nos mostra que, dos 06 trabalhos encontrados para essa pesquisa, 03 são anteriores a 2020. Com isso, podemos perceber um baixo interesse sobre a temática no meio acadêmico da EF, quando relacionado ao esporte/futebol. Estando restrita a discussões de casos midiáticos, comparações de narrativas em determinado período histórico e levantamento de publicações sobre o racismo no esporte, que acabam por contemplar o futebol.

Os textos apresentam discussões sobre a questão racial no esporte/futebol, porém, pouco exploram termos ou conceitos-chave que passaram a orientar o debate na esfera pública e acadêmica. Apenas citam, sem trazer a devida explicação ou um debate acerca do mesmo. É como saber que existe o racismo no meio esportivo e relatar a sua existência sem um aprofundamento teórico acerca da decolonialidade presente nesse espaço. Exemplo dessa constatação está no fato de um texto destacar apenas dois autores que estudam as questões raciais, Silvio Almeida (2020) e Djamila Ribeiro (2019).

O autor Silvio Almeida é acionado na argumentação a respeito do penteado *black power*, símbolo de resistência da cultura negra norte-americana, alvo de comentários racistas no meio esportivo, como sendo um cabelo “ímundo” e que dificultaria a execução do cabeceio (COSTA; SILVA, 2024). Em outros textos encontramos menções a intelectuais que estudam as questões raciais, entre eles: Oracy Nogueira, Jessé Souza, Kabengele Munanga, Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, Antonio Jorge Gonçalves Soares e Florestan Fernandes.

Os termos conceituais que mais apareceram nos textos foram: injúria racial, descriminalização racial e racismo. Entre eles, apenas a injúria racial e o racismo vêm acompanhados do seu significado, como no texto de Costa e Silva (2024), relatando que se configuram como crimes contra a honra do indivíduo assegurados por lei.

Os textos analisados não se detêm a pensar soluções ou possibilidades do enfrentamento do racismo no esporte/futebol, eles relatam a existência, destacam crimes ou analisam alguns atos noticiados pela mídia, exemplo do texto “O caso Tinga: analisando (mais) um episódio de racismo no futebol sul-americano” (LISE *et al.*, 2015), que consiste em analisar os discursos referentes ao ato racista sofrido pelo jogador Paulo César Tinga, na época atleta do Cruzeiro Futebol Clube (LISE *et al.*, 2015).

Outros três textos realizam o levantamento bibliográfico de produção sobre racismo em determinado recorte temporal. O primeiro, de autoria de Farias *et al.* (2020), identifica produções nacionais em periódicos (2008-2018); o segundo, de Lima e Brasileiro (2020) levanta as produções internacionais (2001-2017), e o terceiro, de Braga, Oshima e Dalben (2019) identifica dissertações e teses sem indicar o recorte temporal do levantamento realizado.

De acordo Abrahão *et al.* (2021), é possível notar que com a popularização do futebol no Brasil e a sua profissionalização possibilitou-se um grande passo para o ingresso dos pretos no mundo futebolístico e permitiu uma mobilidade econômica e social a esse grupo, que antes eram proibidos de praticá-lo. O que significou brecha para surgirem leis e diretrizes cuja responsabilidade é punir os crimes que violam os direitos humanos no futebol brasileiro, exemplo do Estatuto de Defesa do Torcedor, Código Brasileiro de Justiça Desportiva, Código de Ética, Código de Conduta, Código Disciplinar, Código de Ética e Código de Conduta da FIFA para os Terceiros, o Regulamento Geral das Competições da CBF e o Código de Ética e Conduta do Futebol Brasileiro, assim como a chamada “Lei Geral do Esporte”.

Mesmo com muitas legislações no futebol brasileiro que pensam as questões raciais, é possível observar que o racismo na modalidade ainda é uma preocupação recente/crescente das entidades no âmbito nacional e internacional (ABRAHÃO *et al.*, 2021). Quando observamos o Quadro 1, fica perceptível, devido às datas de publicação dos textos, que podemos entender que essa baixa preocupação sobre a temática também tem a ver com o papel da mídia, pois os veículos midiáticos, em seus processos informativos, demonstram a existência de uma democracia racial (PIMENTA, 2021) e isso faz com que a população não se questione a respeito e não dê a devida atenção ao problema para podermos superá-lo. Por outro lado, o olhar que se detém à mídia também permite constatar que, nos últimos anos, há uma pauta - certamente oriunda de uma pressão social - quanto à tematização das questões étnico-raciais com abordagens mais sociológicas para apresentação de tal fenômeno.

De acordo com Figueredo e Cruz (2021), um caminho que pode ser trilhado para a população ter outra visão crítica acerca do racismo no esporte é através da mediação pedagógica da EF nas escolas. Tal intento seria com estratégias para fomentar o debate envolvendo o esporte atrelado ao racismo, a partir da identificação das questões étnico-raciais, do preconceito e da discriminação presente na história do país. Ao ser um dos ambientes em que se inicia a vivência de conflitos raciais, as discussões dessas temáticas e de outras são fundamentais na e para formação do sujeito cidadão histórico-crítico.

Para além de pensar meios para combater o racismo no esporte fora dos campos, é necessário pensar também onde os negros estão inseridos no futebol, para além da função de jogadores. O chamado “teste do pescoço” permite, com uma simples olhadela panorâmica em diversos ambientes de trabalho, perceber a ausência de corpos negros em posições de gestão e tomada de decisão. Com isso, sabemos que o racismo não é tão evidente porque nenhuma empresa diria não aceitar negros em cargos de comando dos times, mas hoje sabemos que existem poucos nesses espaços que vão desde presidente a treinadores e pessoas que fazem parte da comissão técnica, e esse fato só reafirma a democracia racial que não existe dentro do esporte brasileiro do jeito que é pregada pelo senso comum (SILVA; PAULA, 2020).

O resultado disso é a quase invisibilidade do negro nos lugares de comando no futebol. Por esse motivo, é necessária a implantação de políticas afirmativas visando democratizar a participação de pessoas pretas em cargos de gestão no esporte, por exemplo. (SILVA; PAULA, 2020, p. 10)

E quando se fala no combate e na denúncia desses atos racistas no esporte ou até mesmo dos questionamentos a respeito da falta de pessoas negras nas comissões, como foi citado no parágrafo acima, é possível perceber que “[...] os próprios dirigentes das referidas instituições são contrários à aplicação de penalidades mais contundentes.” (LISE *et al.*, 2015, p. 826-827). Com isso, existe um impasse no combate ao racismo nesses espaços, por perpetuarem muitas vezes a fala de que esporte não deve se misturar com política.

Sendo assim, Nascimento e Nascimento (2020) comentam que quando os atletas têm coragem de fazer a denúncia ou se pronunciar nos espaços esportivos eles são vistos pela sociedade como vitimistas, principalmente, quando levantam a bandeira de “vidas pretas importam”, pois “[...] os fascistas da sociedade defendem que não são apenas as vidas dessa população que importam, mas a de todos” (NASCIMENTO; NASCIMENTO, 2020, p. 48).

No Quadro 2, identificamos também os/as principais agentes que se dedicam academicamente a esse tipo de produção do conhecimento, considerando o critério de recorrência de menções a esses nomes nos textos identificados e analisados:

Quadro 2: Agentes (professores e/ou pesquisadores) da EF brasileiras que se dedicam à temática sobre racismo/esporte

Prof. João Vitor Busquim Braga (UEL)	Prof. Kevin Keiti Oshima (UEL)	Prof. Dr. André Dalben (UEL)
Profa. Ms. Larissa Jensen (UFPR)	Profa. Dr. Lívia Tenorio Brasileiro (UFPE)	Profa. Ms. Natasha Santos (UFPR)
Prof. Dr. Riqueldi Straub Lise (UFPR)	Prof. Dr. André Mendes Capraro (UFPR)	Profa. Dr. Maria Thereza Oliveira Souza (UFPR)
Profa. Dr. Eduardo Vinícius Mota e Silva (UFC)	Prof. Lennon Giulio Santos de Farias (UFC)	Prof. Dr. Luiz Sanchez Neto (UFC)
Prof. Dr. Léo Barbosa Nepomuceno (UFC)	Profa. Dr. Anan Camargo Silva (UFRJ)	Profa. Ms. Isabela Talita Gonçalves de Lima (UFPE)
Prof. Paulo César Romualdo da Costa (UFRJ)		

Fonte: Elaborado pelos autores (2024)

No Quadro 2, percebe-se que a temática não dispõe de um autor/autora que seja referência no estudo do racismo no futebol/esporte, ao menos por esse mapeamento e pelos critérios utilizados para este estudo. O que podemos visualizar – e comentar – sobre o quadro acima, é que ele mostra uma diversidade de autores e autoras¹⁰ de algumas instituições públicas brasileiras que têm dado suas contribuições iniciais ao debate envolvendo racismo, esporte/futebol. Além disso, o que fica bastante visível no referido quadro, como em relação à integralidade desse mapeamento, é que se trata de um campo de estudos que é incipiente, que precisa receber mais atenção, cuidado e trabalho aos agentes da EF, não só no sentido de pensar conceitual e epistemologicamente as questões quanto à raça/etnia/racismo, mas, também, concretizar estratégias e ações de enfrentamento ao racismo presente na sociedade brasileira, e, como não poderia ser diferente, nas práticas cotidianas da EF e também do universo esportivo.

¹⁰ A titulação desses(as) pesquisadores(as) foi possível de ser conferida a partir de consulta no Currículo Lattes, sendo que em relação a alguns deles(as) não foi encontrada.

5 Conclusão

O mapeamento realizado considerando-se o período temporal de 2004 a 2024 no contexto dos periódicos da EF brasileira, utilizando-se os descritores “racismo”, “esporte”, “futebol” e “Educação Física” (nos títulos e/ou resumos e/ou palavras-chave), identificou e analisou 06 (seis) textos nas revistas Movimento/UFRGS, Motrivivência/UFSC, Pensar a Prática/UFG e Praxia/UEG. Embora consideramos ter concretizado a intenção de pesquisa, a amostra de textos evidencia a pouca atenção dada às questões étnico-raciais no esporte/futebol pela EF brasileira, apesar de constataremos, cotidianamente, atos que envolvem a dimensão do racismo, seja no esporte de modo geral, seja no futebol de modo bastante particular, não só no Brasil, mas em todo o mundo.

O estudo mostrou que já estão se apresentando, em instituições diversas, todas públicas, agentes pesquisadores(as) que começam a se atentar e a pesquisar sobre o racismo no esporte/futebol. Também foi possível visualizar, a partir da leitura e análise dos seis textos, que não há um aprofundamento em relação a teorias e epistemologias quanto ao racismo no esporte/futebol, corroborando-se o argumento da incipiência do campo de estudos.

O tempo presente cada vez mais revisita casos que envolvem racismo, e isso faz com que o cotidiano seja permeado pela evidência e necessidade, além da emergência e relevância, de todos os campos do conhecimento e toda a sociedade se envolveram na luta contra o racismo. Em especial à EF, caberá pautar tais questões e responsabilizar-se pedagogicamente – tanto em relação a colocar o tema em pauta, mas também buscar diálogos, abrir-se às discussões e elaborar estratégias e ações de enfrentamento, quanto pelo esporte, como pelas práticas corporais diversas, no combate ao racismo institucionalizado na sociedade brasileira.

Desse modo, esta pesquisa configura-se como mais uma ação que aproxima a EF das ciências humanas e sociais, operacionalizando um levantamento da produção sobre racismo, esporte e futebol em periódicos brasileiros de EF, tarefa atribuída ao Grupo de Estudos GEPESCEF - Grupo de Estudos e Pesquisas Sociedade, Cultura e Educação Física, do Departamento de Educação Física (DEF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Além disso, trata-se de uma estratégia investigativa vinculada ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol), Linha de Pesquisa Mídias, Torcidas e Movimentos antirracistas, que, entre os anos de 2023 a 2028, planeja fomentar a produção do conhecimento e de atividades de ensino, pesquisa e extensão sobre temáticas que perpassam o futebol brasileiro.

Referências

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; BATISTA, Cleyton; CALDAS, Demetrius Luciano; OLIVEIRA, George Roque Braga. A discriminação racial e a legislação do futebol brasileiro. **Revista Brasileira Educação Física Esporte**, São Paulo, v. 35, n. Especial, 2021.

ALMEIDA, Sílvia Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

BEIRITH, Mariana Klauck; ARALDI, Franciane Maria; GONCALVES, Gabriel; FOLLE, Alexandra. Racismo no futebol brasileiro: revisão bibliométrica em revistas científicas. **Revista Retos**, v. 52, p. 261-269, 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/377069886_Racismo_no_futebol_brasileiro_revisa_o_bibliometrica_em_revistas_cientificas. Acesso em: 05 set. 2024.

BRAGA, João Vitor Busquim; OSHIMA, Kevin Keiti; DALBEN, André. A produção da Educação Física brasileira sobre fair play e racismo no esporte: estado da arte de teses e dissertações. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 31, n. 60, p. 01–20, 2019. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2019e58397>. Acesso em: 10 set. 2024.

COSTA, Paulo César Romualdo da; SILVA, Camargo Anan. Injúria racial e futebol: uma análise das coberturas jornalísticas dos casos Marinho e Celsinho. **Praxia - Revista on-line de Educação Física da UEG**, v. 6, p. e2024018, 2024. Disponível em: www.revista.ueg.br/index.php/praxia/article/view/14860. Acesso em: 05 set. 2024.

DA CONCEIÇÃO, Daniel M. Entre vira-latas e heróis, o racismo no futebol brasileiro. **Captura Críptica: direito, política, atualidade**. Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 224-248, 2023. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/capturacriptica/article/view/6161>. Acesso em: 10 set. 2024,

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 10-17, 1994.

FIGUEREDO, Beatriz Ferreira; CRUZ, Maria José Amorim da. Racismo recreativo e injúria racial: uma análise jurisprudencial do animus jocandi. **Revista Estudantil Manus Iuris**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 199–213, 2021. DOI: 10.21708/issn2675-8423.v1i2a9931.2020. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/rmi/article/view/9931>. Acesso em: 6 dez. 2024.

FARIAS, Lennon Giulio Santos de; NEPOMUCENO, Barbosa Léo; NETO, Sanchez Luiz; SILVA e Mota Vinícius Eduardo. A institucionalização do racismo contra negros(as) e as injúrias raciais no esporte profissional: o contexto internacional. **Revista Movimento**, v. 26, e26074, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/y8z4MgrhC5J4vYYsF5csfFg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2024.

GALAK, Eduardo Lautaro. Raça. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (orgs.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. 3. ed. rev. e amp. Ijuí, RS: Unijuí, 2014. p. 558-562.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GOELLNER, Silvana Vilodre; VOTRE, Sebastião Josué; MOURÃO, Ludmila; FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. **Gênero e Raça: inclusão no esporte e lazer**. Porto Alegre: Ministério do Esporte e Gráfica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo. Eugenia. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (orgs.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. 3. ed. rev. e amp. Ijuí, RS: Unijuí, 2014. p. 293-295.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, Isabela Talita Gonçalves de; BRASILEIRO, Livia Tenório. A cultura Afro-brasileira e a Educação Física: Um retrato da produção do conhecimento. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 26, p. e26022, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/xfYGyW3rQhBgwjXkypvN4Sy/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 04 set. 2024.

LISE, Riqueldi Straub; SOUZA, Maria Thereza Oliveira; JENSEN, Larissa; CAPRARO, André Mendes. O caso Tinga: Análise de (mais) um episódio de racismo no futebol Sul-americano. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 4, out./dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/32123/0>. Acesso em: 4 set. 2024.

NASCIMENTO, Ana Karina de Oliveira; NASCIMENTO, Laudo Natel do. Do mundo do esporte ao dia-a-dia numa pandemia: Precisamos falar sobre fascismo. **Revista X**, v. 15, n. 4, p.47-52, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/345412981_DO_MUNDO_DO_ESPORTE_AO_DIA-A-DIA_NUMA_PANDEMIA_PRECISAMOS_FALAR SOBRE_FASCISMO. Acesso em: 04 set. 2024.

PIMENTA, Isadora Silva. Racismo no futebol; o que a linguagem do discurso midiático pode nos dizer?. **Sur le journalisme About journalism Sobre jornalismo**, v. 10, n. 2, p. 152-165, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/357180476_Racismo_no_futebol_O_que_a_linguagem_do_discurso_midiatico_pode_nos_dizer. Acesso em: 04 set. 2024.

SANTOS, Natasha; CAPRARO, André Mendes; LISE, Riqueldi Straub. Racismo e a derrota que não foi esquecida: uma análise dos discursos de Mário Filho e da imprensa escrita acerca da final da Copa do Mundo de 1950. **Revista Movimento**, v. 16, n. 4, p. 191–208, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/15923>. Acesso em: 10 set. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

SILVA, Fábio Henrique Alves; PAULA, Paula Ângela de Figueiredo e. Os impactos do racismo na subjetividade do Jogador de futebol Negro. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, n. Especial, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/DSdQCbpPgCb9BQcG75htG4p/>. Acesso em: 04 set. 2024.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais** – a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1995.

VOTRE, Sebastião; MOURÃO, Ludmila; GOELLNER, Silvana; FIGUEIRA, Márcia. **Gênero, raça, idade e deficiência: integração em projetos sociais do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro – FAPERJ; São Paulo: Duplegraf Gráfica e Editora, 2009.

Contribuições da autoria

Cristiano Mezzaroba: Concepção da pesquisa; Conceitualização; Definições metodológicas; Análise secundária dos dados; Escrita da versão final; Revisão e Edição

Beatriz de França Alves: Concepção da pesquisa; Conceitualização; Definições metodológicas; Análise inicial dos dados; Escrita da versão final; Revisão e Edição;

Daniel Machado da Conceição: Concepção da pesquisa; Conceitualização; Definições metodológicas; Análise secundária dos dados; Escrita da versão final; Revisão e Edição

Data de submissão: 15/09/2024

Data de aceite: 08/11/2024